

O DEBATE ENTRE AS DIVERSAS GERAÇÕES ENTRE ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE

  Valeria Viana Alencar ¹

  Gutemberg Ferreira Alencar ^{2,*}

  Ana Flávia Soares Conceição ³

RESUMO

O presente trabalho apresenta as definições de religiosidade e espiritualidade, seus impactos para adolescentes, jovens e adultos. Ainda analisa o contexto dos dias atuais frente aos desafios da promoção e manutenção da religiosidade e espiritualidade, principalmente diante de situações adversas, como enfermidade e luto. Define as relações neuroanatômicas do adolescente frente ao desenvolvimento moral baseado em teóricos como Piaget, Kohlberg e Gilligan e ainda mostra o impacto das representações sociais para as práticas religiosas. Abordando, assim, o papel da religiosidade e a ênfase espiritual juntamente com seus benefícios, e desafios a enfrentar, e ainda mais seu significado social.

Palavras-chave: Religiosidade. Espiritualidade. Saúde mental. Desenvolvimento moral.

¹ Pós-graduada em Neuropsicologia pela Faculdade Adventista da Bahia (FADBA), graduada em Psicologia pela Faculdade Maurício de Nassau (UNINASSAU), Atua como docente no Centro Universitário INTA (UNINTA).

² Graduado em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT-FADBA), Pós-Graduado em Neuropsicologia pela Faculdade Adventista da Bahia (FADBA). Atua como Pastor na Associação Costa Norte da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

³ Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Doutoranda e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (POSPSI - UFBA) na linha de Psicologia do Desenvolvimento. Especialização em neuropsicologia (FTC). Atualmente é professora dos cursos de graduação e assessora técnica do curso de pós-graduação lato sensu em neuropsicologia da Faculdade Adventista da Bahia (FADBA).

***Autor correspondente:**

pr.gutemberg@hotmail.com

Submissão: 01/2021

Aceite: 10/2021

Como citar

ALENCAR, V. V.; ALENCAR, G. F.; CONCEIÇÃO, A. F. S. O debate entre as diversas gerações entre espiritualidade e religiosidade. *Práxis Teológica*, v. 17, n. 1, p. e1575, 2021. DOI: <https://doi.org/10.25194/2317-0573.2021v17n1.e1575>.



INTRODUÇÃO

A religião tem sido utilizada pela humanidade como um meio para alívio, orientação, disciplina e ainda gerador de novos comportamentos. Porém, mais do que isso, tem contribuído para a formação psicossocial de adolescentes e jovens, tornando-os adultos e idosos mais parecidos com um padrão benéfico à sociedade. Notando-se seu espaço e relevância, sua deficiência e fragilidade, observam-se muitas lacunas na transmissão desse conceito às diferentes gerações. A maneira de receber a religião e vivenciá-la é diferente para adolescentes, jovens, adultos e idosos.

De acordo com Kohlberg (citado por MARGAÇA; RODRIGUES, 2019), a moralidade é entendida e aplicada de modo distinto conforme a faixa etária. Todos precisam passar pelos seis estágios de desenvolvimento moral que incluem a pré-moralidade, a moralidade convencional e a moralidade pós-convencional.

Ao se observar a diferença de compreensão e aplicabilidade das práticas religiosas, é possível notar que os adolescentes e jovens têm dificuldades de seguir regras e perseverar nas atividades religiosas durante essa fase da vida, que se caracteriza por ser um tempo de muitas mudanças nas áreas sociais, espirituais, físicas e emocionais. O que se mostra um instrumento de apoio e construção do ser em vários casos pode parecer talvez apenas um delimitador de comportamento.

Este trabalho se propõe a analisar a formação intelectual e emocional de adolescentes e jovens, bem como suas dificuldades em praticar os conceitos da religiosidade observados em tese por adultos e idosos. O objetivo é apresentar a noção coerente de desenvolvimento espiritual e religioso nesse período da vida, esclarecendo a definição de religiosidade e espiritualidade para as diferentes fases da vida e sua relevância nos dias atuais, com vistas a favorecer a compreensão desses assuntos tão relevantes e mal compreendidos.

Ademais, percebe-se que as figuras de maior impacto positivo e negativo não são circunstâncias ou contextos, mas pais e tutores que precisam compreender o enorme papel de influência macro e micro no desenvolvimento e aplicabilidade da religião pregada. A falta de participação deles na formação e auxílio nesse período juvenil tem provocado grande prejuízo cognitivo e emocional, daí a importância de se traçarem caminhos para melhor abordagem, desde a assimilação dos conceitos religiosos por parte de adultos e idosos até a aceitação e prática por adolescentes e jovens. Conceitos, termos, regras e objetivos comportamentais não cumprem seu papel em sua completude até ensinar o ser humano a desenvolver-se socialmente em sua espiritualidade individual, mas sobretudo sua relevância na sociedade.

ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE ENTRE GERAÇÕES

Para melhor entendimento do assunto, vale definir de modo claro os termos “religiosidade” e “espiritualidade”. A Organização Mundial da Saúde (OMS) defende a importância de se compreender o indivíduo como um ser multidimensional, portanto com necessidade de bem-estar espiritual também, conforme ressalta Stern (2017). A religiosidade se refere à prática e comprometimento do ser humano com a instituição da qual faz parte, adotando dogmas e doutrinas por ela estabelecidos;

portanto, está ligada ao grupo e à estrutura. Segundo Lucchetti et al. (2010), ela pode ir do organizacional ao não organizacional, envolvendo desde ações coletivas do grupo do qual se participa até o exercício pessoal de atividades como leitura de livros, meditação, reza e outras.

Por sua vez, a espiritualidade é entendida como “a dimensão peculiar de todo ser humano e o impulsiona na busca do sagrado, da experiência transcendente, na tentativa de dar sentido e resposta aos aspectos fundamentais da vida” (GOMES; FARINA; DAL FORNO, 2014, p. 109). Ela não está presa a uma religião ou à repetição de rituais, mas é inerente ao ser humano como uma dimensão a ser conhecida e explorada; pode ou não levar ao desenvolvimento de prática religiosa ou ao pertencimento a uma comunidade religiosa (LUCCHETTI et al., 2010).

Esses conceitos são assimilados de modo diferente entre as gerações. Adolescentes e jovens têm dificuldades ou limitações para corresponder a tal dimensão da vida, o que não parece ocorrer com adultos e idosos, já que percebem melhor essa lacuna a ser preenchida na busca por mais qualidade de vida e bem-estar (FARINHA et al., 2018). No entanto, pesquisa realizada por Bernstein, D’Angelo e Lyon (2013) nos Estados Unidos com adolescentes com HIV positivo mostrou que se sentiam mais fortalecidos no enfrentamento da doença quando o tema em questão era abordado, bem como apontavam a necessidade de melhor esclarecimento sobre culpa e outros sentimentos, resultando em maturação diante das situações vividas (FARINHA et al., 2018).

É notável que, ao longo dos anos, a busca por conquistas acadêmicas, financeiras, emocionais e outras tem ofuscado o relacionamento com as instituições religiosas, dado o fato de que o secularismo e o desconstrutivismo vêm ganhando cada vez mais espaço na prioridade e escolhas pessoais.

Aquino et al. (2009) desenvolveram um estudo com habitantes de Campina Grande (PB) com o objetivo de avaliar a religiosidade/atitude religiosa e a realização existencial. Ao entrevistar 299 pessoas entre 18 e 84 anos, na sua grande maioria mulheres (63%), constataram que a religiosidade/atitude religiosa estava correlacionada com a idade delas, pois quanto maior a idade, maior a integração do self, ou seja, de si mesmas. No entanto, percebeu-se entre os mais jovens uma resistência à religiosidade, a qual foi colocada em segundo plano, dadas a perda de referenciais religiosos e a substituição por ideais particulares, uma vez que nas últimas décadas, diante das múltiplas possibilidades que lhes são oferecidas, a maioria opta por um estilo de vida dessacralizado.

Já entre os mais idosos, a pesquisa revelou que a religiosidade tem papel fundamental no enfrentamento de questões existenciais como morte e sentido da vida, preenchimento de vazio e ainda sentimento de bem-estar, trazendo a sensação de união ao ser supremo. É como se nas primeiras décadas de vida o ser humano estivesse se “encontrando” no mundo com suas conquistas, descobertas e aprendizado – experiências que vão moldando-o e impactando-o em busca por sentido e valor – até alcançar a idade avançada quando percebe mais claramente o significado da existência (AQUINO et al., 2009).

Entender por que essa diferença etária apresenta uma mudança significativa no interesse por esse tema faz se necessário ao se observarem os fatores neuroanatômicos em adolescentes e jovens, diferentemente de adultos e idosos. Como destacam Muszkat, Miranda e Muszkat (2015), a adolescência é caracterizada por um aumento da capacidade de raciocínio, velocidade de

processamento de informação e desenvolvimento da linguagem. Essas construções sofrem amadurecimento devido às influências ambientais e socioculturais, fazendo-os muitas vezes ser considerados impulsivos e inconstantes.

Segundo Muszkat, Miranda e Muszkat (2015), esse período é o mais dramático e importante para os aspectos neuropsicológicos, neurobiológicos e neurocognitivos, pois envolvem necessidades socioemocionais, além de os adolescentes sofrerem ainda influências negativas que acabam prejudicando o contato com os elementos práticos da religião. Pelo fato de existir atividade dopaminérgica nas áreas estriais e pré-frontais, bem como uma considerável presença de estrógeno, progesterona e testosterona, a probabilidade de haver atividades de risco, comportamentos desafiadores e maior modelagem social é muito grande. Isso implica a necessidade de se considerar esse período da existência humana como sensível e importante por construir as sensações, emoções, traumas, interesses e desinteresses, proporcionando reações ante os assuntos religiosos por parte do adolescente.

Lima (2004) afirma que o ser humano, já nos primeiros anos de vida, lida com mudanças constantes, passando por estágios progressivos que são impossíveis de serem saltados e regredidos. Piaget observa que desde o nascimento ocorrem transformações no corpo devido ao constante e explosivo crescimento. Há uma evolução na percepção sensorial até alteração de comportamento baseado na influência do meio.

O raciocínio moral tem início no nascimento e transpõe a primeira década de vida, podendo avançar para uma autonomia moral, em que há um entendimento de cooperação pela percepção da responsabilidade subjetiva, considerando-se que existe um processo de maturação nos pensamentos e compreensão do certo. Esse desenvolvimento, apesar de observado por Piaget, segundo Lima (2004), não é percebido em vários adultos, pois há uma estagnação em algum ponto, conforme esclarece o autor (LIMA, 2004).

Lima (2004) ressalta que, para Piaget, o desenvolvimento moral começa pela anomia, que é um desconhecimento da obrigação em obedecer; passa pela heteronomia, que reflete a coação adulta, implicando a necessidade de condução; e alcança também a autonomia, quando se compreende o papel da cooperação ou o bem comum: “É a cooperação entre os indivíduos que nos leva a um tipo de regulamentação moral, que colabora para o progresso moral dos grupos sociais e dos indivíduos” (LIMA, 2004, p. 208). Esse desenvolvimento só é possível acontecer com a interação do grupo e com cooperação.

Já Bataglia, Morais e Lepre (2010) sublinham que, para Kohlberg, o raciocínio moral em desenvolvimento passa por seis estágios, divididos em três grupos: pré-convencional, convencional e pós-convencional. No estágio 1, o indivíduo obedece às normas com medo de sofrer punição. No estágio 2 (considerado o do individualismo), ele apresenta raciocínio moral egocêntrico e segue as regras pensando nos próprios interesses. O estágio 3 caracteriza-se pela necessidade de cumprir aquilo que as pessoas esperam, como ser um bom filho, um bom amigo ou um bom marido. O estágio 4 tem como perspectiva moral a manutenção da ordem social e do que foi proposto pelas autoridades, e, para tanto, todos devem colaborar com a organização social e com as instituições. No estágio 5, o raciocínio moral considera o contrato social e os direitos individuais, com orientação moral do tipo “contratual-legalista”. Por fim, o estágio 6 é caracterizado pelos princípios éticos universais e

considerado o mais evoluído por Kohlberg. Quem o alcança adquire uma percepção evoluída sobre os relacionamentos e o significado das regras baseado em cada contexto social.

Na teoria de Kohlberg, o desenvolvimento da moralidade pode ser vivenciado, porém não há um momento definido. A religiosidade é praticada ao se cumprirem regulamentos e dogmas que pertencem ao grupo, considerando-se a forma social de convivência como a mais importante. Explica-se que as consequências dos atos fazem ainda mais refletir acerca das ações e pensamentos. Muito voltada para o comportamento, a religiosidade se limita ao que outros podem ver ou ouvir, comprometendo a experiência da espiritualidade, que seria um passo mais profundo que seria mais bem visto na prática ao vivenciar o estágio 6, em que se experimenta uma consciência de seu propósito de vida.

A filósofa e psicóloga Carol Gilligan (GILLIGAN, EDDY, 2017) esclarece que o modo de desenvolvimento moral das mulheres diverge do que se dá entre os homens. Para estes, ele se baseia na ética de justiça e em sua percepção pregada por Kohlberg, ao passo que para as mulheres se fundamenta na ética do cuidado. Diferentemente de Kohlberg, Gilligan observa que não existe uma idade aproximada para a mudança ao estágio seguinte, mas sugere que a do pré-convencional para o convencional, e do convencional para o pós-convencional, como defendido por Kohlberg, é mais baseado na capacidade cognitiva e no senso de autoevolução feminina (HRF, c2023).

A teoria de Gilligan vê a transcrição do desenvolvimento moral mais parecida com o que acontece com os homens do que com o que ocorre com as mulheres. A filósofa observa que Piaget e Kohlberg apresentaram teorias baseadas numa ética de justiça, aos “olhos masculinos”; todavia, reforça mais tarde que tanto homens quanto mulheres têm uma percepção da “voz do cuidado”. Palavras como “observador”, “compreensivo” e “interessado” são também percebidas nos homens, ainda podendo-se notar em ambos os gêneros a virtude da generosidade. Isso implica dizer que, diante de conflitos morais, independentemente do sexo, nota-se a orientação da ética do cuidado e da ética da justiça, presente na maneira que respondem às demandas da vida.

A virtude destacada por Lima (2004) como um elemento da ética do cuidado e chamada de generosidade é vista na sociedade como uma qualidade moral presente nas pessoas mais bem relacionadas, que se importam com o outro e se doam para cuidar de que precisa. Geralmente atitudes de altruísmo e entrega total paralisam, pois têm a capacidade de atrair e de fazer com que se deseje aprender os caminhos desse comportamento. Figuras como Gandhi, Madre Tereza, Dulce e Jesus Cristo são olhados como símbolos e exemplos por uma sociedade cujos membros crescem distantes uns dos outros e, portanto, sem referenciais mais próximos e sem acompanhamento mentorial.

É possível notar, segundo as teorias dos autores citados acima, a grande influência do meio, em que descobertas, questionamentos, regras e valores foram ensinados ao ser humano em sua tenra idade. A saudável formação neuropsicológica da criança e adolescente e o acompanhamento do jovem em suas decisões mais importantes demonstram a necessidade de o meio estar fundado em um propósito maior do que ele mesmo e suas desilusões, em um objetivo de vida que compreenda todas as áreas a servirem. Ressalta Lima (2004, p. 22): “Enquanto honestidade, fidelidade, honra e outros valores podem estar no centro da personalidade de alguns indivíduos, em outros pode estar a necessidade de sentir-se superior aos demais, de ter tudo para si, do consumismo a qualquer preço”.

De acordo com Lima (2004), necessidades como aceitação e aprovação são imprescindíveis desde a infância. Portanto, é preciso ensino dos valores morais segundo o meio no qual se está inserido, pois é requerido para o sucesso do desenvolvimento moral chegar ao ápice dos estágios e melhor servir à comunidade e ao próximo.

Segundo Jensen (2020), na adolescência é possível perceber uma diferenciação nos tipos de identidades, estilo parental, criatividade e inteligências, o que apresenta uma multiplicidade crescente na concepção de religiosidade e espiritualidade, com diversas maneiras de se verem o sagrado, o transcendente, as regras, os dogmas e ainda o sobrenatural como expressões de suas crenças pessoais e grupais. Frequentemente é visto o impacto coletivo sobre as crenças da infância, muitas vezes sucumbidas por sentimento de pertencimento, aceitação do grupo e desejo de aprovação.

O secularismo tem sido um grande aliado no desconstrutivismo religioso de adolescentes, jovens e até adultos, provocando uma cisão entre a sacralidade de hábitos pessoais e coletivos. Segundo Jensen (2020), na Europa tem havido um declínio de envolvimento em atividades dessa natureza. O fato é que respostas sobre temas intrigantes como vida após a morte e outros mostram o quão descrente nesses assuntos tem estado a sociedade. A ideia da prosperidade longe da religião tem feito com que muitas pessoas procurem ações religiosas apenas para evitar comportamentos de risco.

Com o crescimento da informação tecnológica, muitas exposições pertinentes e impertinentes de líderes religiosos e ainda de pessoas do laço parental dos adolescentes e jovens em situações de vexame e incoerência moral têm fortalecido a ideia da desmistificação do religioso e um crescimento pejorativo de atenção a assuntos ligados à fé. As constantes mudanças na construção da estrutura familiar vêm revelando lacunas cada vez maiores pela inversão dos papéis na família, formando assim pessoas incapazes de lidar com situações antes vistas ou enfrentadas e ainda mais orientadas. É notável que, apesar do desenvolvimento cognitivo do adolescente, se não houver o direcionamento e a apresentação da importância de alguns valores, em detrimento de outros comportamentos libertinos como uso de drogas, criminalidade etc., podem ser desenvolvidos como sendo adequados e virtuosos.

De acordo com Margaça e Rodrigues (2019), os adultos tendem a valorizar o espiritual e religioso à medida que a idade avança, dando atenção às respostas de assuntos até então não esclarecidos ou não refletidos e pensados. A busca de sentido de vida permeia o indivíduo, ajudando-o a lidar com situações de enfermidade, desemprego, pobreza, luto, violência doméstica, etc., tornando-o assim mais feliz e mais consciente de seu papel no dilema vivido. Além disso, pode cooperar para o auxílio no enfrentamento de outras pessoas, como afirmam Aquino et al. (2019).

É de fundamental importância reconhecer o papel de instituições religiosas sérias, que apresentam uma proposta de crescimento holístico e incentivam a evolução social-emocional do participante, independentemente do sexo. Diante de tantos desafios familiares em suas configurações e papéis, nota-se o grande bem quando há participação ativa no meio religioso em que a família está, bem como promoção de atividades em prol de pessoas necessitadas. Isso gera uma percepção do micro, atividade em si que traz alívio ao necessitado, mas também macro, seu papel no grupo, sua importância, sua relevância e a identificação que progressivamente é construída com a continuidade dos relacionamentos fortalecidos e as práticas individuais sendo motivadas, conforme abordam Oliveira e Junges (2012).

Virtudes, valores, princípios, boas maneiras e responsabilidade social devem ser motivados

diante da proposta religiosa abraçada. Percebe-se o grande bem que a psicoterapia faz no tratamento de questões emocionais que interpelam o crescimento ou evolução religiosa. Apesar de haver uma responsabilização sobre coping (enfrentamento) de situações difíceis, a psicoterapia pode ser mais bem-sucedida quando se refere a situações emocionais, salientam Oliveira e Junges (2012). Vale sublinhar ainda a participação em grupos etários ou por afinidade para melhor desenvolvimento da prática relacional e vivencial com poucas pessoas, podendo aprofundar relacionamentos onde se possa ser auxiliado e apoiado em momentos de confrontar situações estressantes etc.

Ademais, a religiosidade e a espiritualidade têm papel imprescindível no desenvolvimento moral, ao cooperar não para um esmagamento do eu aniquilando a personalidade, mas para uma regeneração do eu e sua individualidade humana preservada e polida, como afirma Schwantes (1980). Estudos devem ser aprofundados no tema em questão e confrontar os aspectos práticos de atividades religiosas ante os dias atuais para uma evolução da sociedade em desafios e benesses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendendo-se o significado etimológico e social-emocional de religiosidade e espiritualidade, cabe repensar o papel exercido por pais e tutores nesse acompanhamento com adolescentes e jovens, ainda que as instituições cumpram sua função de instrução e orientação religiosa.

Percebe-se grande importância do incentivo às práticas religiosas, sejam em qual faixa etária forem. Desde a tenra idade até a velhice, o ser humano tem uma lacuna a ser preenchida pelo contato com o religioso, uma forma de religar a algo que está perdido ou maculado. Talvez relacionamentos parentais, afetivos, sejam mais bem recuperados e fortalecidos quando são apoiados por incentivos espirituais. O cuidado com o corpo faz com que o lado espiritual seja atendido adequadamente e ainda potencialize melhoras em outras áreas, como física, mental e social.

Ainda que seja mal vista em algumas esferas da sociedade, a ênfase na espiritualidade e nas práticas religiosas tem cooperado para melhoria da saúde e para o enfrentamento de situações adversas da vida. Caso haja internalização dos conceitos recebidos dos meios religiosos, pode-se notar não somente mudanças comportamentais, mas no transcurso da vida, possibilitando transformação na personalidade.

Nota-se que a frequência e o envolvimento em prol do outro se destacam como relevantes na sociedade. Por meio da mídia, enfatizam-se o interesse popular à assistência social e uma boa visão do benefício religioso nos participantes e assistenciados. Clubes de adolescentes, jovens e grupos de apoio espiritual potencializam essas ações, contribuindo para um alívio das demandas da comunidade atendida. Nesse sentido, White (2014, p. 221) aconselha: “O objetivo pelo qual estão adquirindo educação não deve ser perdido de vista, por um momento sequer. Deve ser: aperfeiçoar e dirigir suas faculdades de modo a se tornarem mais úteis e serem uma bênção a outros, até o limite de sua capacidade”.

Haja vista que dentro de cada coração humano está uma busca pelo transcendente numa procura quase frenética em boa parte da vida, o ser humano, seja homem, seja mulher,

independentemente da idade, deseja e almeja felicidade. Ainda que conquistas tragam alegrias, diante de uma atmosfera consumista, somente o encontro consigo mesmo e a consciência de seu propósito, um propósito maior que ele mesmo, podem trazer real significância da existência de si.

O presente trabalho aborda as necessidades e os desafios para mais atenção a esse assunto. Estudos têm largamente colaborado para melhor percepção de si mesmo e do outro nessa busca pelo significado. Espera-se haver mais contribuições a fim de se ampliar a visão de espiritualidade e religiosidade e seus impactos em todas as faixas etárias da sociedade.

REFERÊNCIAS

AQUINO, T. A. A. *et al.* Atitude religiosa e sentido da vida: um estudo correlacional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 29, n. 2, p. 228-243, 2009.

BATAGLIA, P. U. R.; MORAIS, A.; LEPRE, R. M. A teoria de Kohlberg sobre o desenvolvimento do raciocínio moral e os instrumentos de avaliação de juízo e competência moral em uso no Brasil. **Estudos de Psicologia**, v. 15, n. 1, p. 25-32, 2010.

BERNSTEIN, K.; D'ANGELO, L. J.; LYON, M. E. An Exploratory Study of HIV+ Adolescents' Spirituality: Will you pray with me? **Journal of Religion and Health**, n. 52, p. 1253-1266, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10943-012-9565-1>

CAROL Gilligan Moral Development Theory Explained. **Health Research Funding**, [s.d.]. Disponível em: <https://healthresearchfunding.org/carol-gilligan-moral-development-theory-explained/>. Acesso em: 2 abr. 2021.

FARINHA, F. T. *et al.* Correlação entre espiritualidade, religiosidade e qualidade de vida em adolescentes. **Revista Bioética**, Brasília, v. 26, n. 4, p. 567-573, out./dez. 2018.

GILLIGAN, C.; EDDY, J. Listening as a path to psychological discovery: an introduction to the Listening Guide. **Perspectives on Medical Education**, v. 6, p. 76-81, 2017.

GOMES, N. S.; FARINA, M.; DAL FORNO, C. Espiritualidade, religiosidade e religião: reflexão de conceitos em artigos psicológicos. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 6, n. 2, p. 107-112, 2014.

JENSEN, L. A. The Cultural Psychology of Religiosity, Spirituality, and Secularism in Adolescence. **Adolescent Research Review**, v. 6, n. 3, p. 277-288, 2010.

LIMA, V. A. A. De Piaget a Gilligan. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 24, n. 3, p. 12-23, 2004.

LUCCHETTI, G. *et al.* Espiritualidade na prática clínica: o que o clínico deve saber? **Revista Brasileira de Clínica Médica**, v. 8, n. 2, p. 154-158, 2010.

MARGAÇA, C.; RODRIGUES, D. Espiritualidade e resiliência na adultez e velhice: uma revisão. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, n. 2, p. 150-157, jul. 2019.

MUSZKAT, M.; MIRANDA, M. C.; MUSZKAT, D. Neuropsicologia da adolescência. *In: SANTOS, F. H.; ANDRADE, V. M.; BUENO, O. F. A. (Orgs.). Neuropsicologia hoje*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015. p. 169-176.

OLIVEIRA, M. R.; JUNGES, J. R. Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos. *Estudos de Psicologia*, v. 17, n. 3, p. 469-476, 2012.

PANZINI, R. G. *et al.* Qualidade de vida e espiritualidade. *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 34, supl. 1, p. 105-115, 2007.

PERES, J. F. P. *et al.* Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 34, supl. 1, p. 136-145, 2007.

SCHWANTES, S. J. **Colunas do caráter**. 5. ed. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1980.

STERN, F. A diferenciação entre espiritualidade e religiosidade proposta pela Organização Mundial da Saúde e seus problemas pela óptica do cientista da religião. *In: CONGRESSO DA ANPTECRE*, 6., Goiânia, 13-15 set. 2017. *Anais [...]*. São Paulo: ANPTECRE, 2017.

STROPPA, A.; MOREIRA-ALMEIDA, A. Religiosidade e saúde. *In: SALGADO, M. I.; FREIRE, J. (Orgs.). Saúde e espiritualidade: uma nova visão da medicina*. Belo Horizonte Inede, 2008. p. 427-443.

WHITE, E. G. **Testemunhos para a Igreja 3**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

.